

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Dorinda Anjos Martins

registada em 2009-02-04
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

Dorinda Anjos Martins

Dorinda Anjos Martins nasceu a 14 de Junho de 1922 na Benfeita, Arganil. Filha de António Martins Júnior, que não chegou a conhecer, e Maria dos Anjos Gonçalves. Cedo começou a trabalhar no campo para ajudar a mãe que “fazia o que podia” para os governar. Recorda-se da mãe comprar um pãozito compridito, que custava 12 tostões, “mas era só para misturar um bocadinho junto com a broa, no café, sopas. Eram vidas difíceis naquele tempo”. Apesar das dificuldades “fiz a terceira classe porque a minha mãe não nos podia levar a exame. Naquele tempo já era bem bom”. Quando saía da escola “ainda ia buscar um molhinho de lenha”. Conheceu o marido nas danças “mas nunca foi o meu par do rancho”. Casou com 23 anos e ainda comemorou as bodas de ouro. “O casamento foi na igreja matriz e a boda foi em minha casa. Tenho um salão grande que até hoje é o meu quarto. Estava repleto de gente.” Tem um filho, um neto, uma neta e duas bisnetas.

Índice

Identificação Dorinda Anjos Martins.....	4
Ascendência António Martins Júnior e Maria dos Anjos Gonçalves.....	4
Educação "Fiz muita carta".....	5
Infância "Brincávamos e pulávamos".....	7
Namoro O embrulho.....	7
Casamento "Grande boda".....	7
Lazer O Rancho do Manjerico.....	8
Descendência "Dois anos de greve".....	11
Percurso profissional "Muito possante, muito trabalhadora".....	12
Quotidiano "Para me distrair".....	13
Costumes Festividades.....	13
Pessoas José Augusto Martins.....	19

Identificação *Dorinda Anjos Martins*

Sou Dorinda Anjos Martins. Natural da Benfeita, Arganil. Nasci a 14 de Junho de 1922.



Dorinda Anjos Martins (1ª à dta.)

Ascendência *António Martins Júnior e Maria dos Anjos Gonçalves*

O meu pai, nem o conheci. Eu fiquei na barriga da minha mãe quando ele morreu. Era António Martins Júnior e a minha mãe era Maria dos Anjos Gonçalves. Era uma mulher mais fraca do que eu. Não era tão possante. Fazia o que podia, mas lá nos governou porque o marido morreu-lhe cedo, estava eu na barriga e o meu irmão com 2 anos. Os meus pais eram da Benfeita, trabalhadores no campo, como eu fui sempre. Tinha uns terrenozitos, poucos, os bocaditos dela, também não podia cultivar muito. Eram vidas difíceis naquele tempo. Não davam o que dão agora.

Quando a gente começou a trabalhar, o meu irmão aprendeu de pedreiro e eu andava no campo. Não faltava quem me quisesse, porque eu era muito trabalhadora e tinha muita força. Lá fomos vivendo.

Tempos de miséria

Tinha um gadinho. Tinha umas cabritas e uma ovelha, por exemplo, três cabecitas. Esses animais amassavam o estrume para as propriedades. E a gente explorava-lhe o leite e fazia um queijito. Naquela altura era a minha mãe, não era eu. A miséria que era naquele tempo, à vista de agora, fazia o queijito e depois daquele soro ainda se fazia um requeijãozinho. Chamamos nós o soro ao leite que fica do resto do queijo, espreme-se e sai o que é fraco e o bom fica na coalhada, no acincho, chama-se o acincho. Assim pequenininho, mas aproveitava aquilo. E já me lembra, a miséria naquele tempo. Daquele requeijão, ainda lhe punham um bocadito de farinha, e um bocadito de pão de trigo, faziam umas papas e comia-se. E assim me criei valente, forte. Assim fossem as de agora.

Do gado era só o queijo. Tosquiava-se as ovelhas no tempo delas e vendia-se a lã para ajuda de outras coisas. Era assim.

Cozia-se a broa. Alguém comia pão de trigo? A minha mãe comprava um pãozinho compridito, ainda parece que me lembra, custava 12 tostões. Mas era só para misturar um bocadinho junto com a broa, no café, sopas. Depois escondia-o na gaveta para chegar para toda a semana. Éramos só dois também, e ela três. Mas o meu irmão era mauzito de boca. Eu não, era do alambicho.

"Não há famílias hoje tão amigas como elas eram"

A minha mãe viveu numa casita que era do lado do meu pai, com a gente. Mas ela também era uma mulher doente. Quando se achava doente vinha para o pé da mãe dela, da minha avó, que vivia mais abaixo. E lá ia vivendo. Tinha boa família e ajudavam. Cada um vivia na sua casa, mas pronto, a minha mãe era pobre. Tinha uns bocaditos, mas não era isso que chegava para ela se governar. Lá ia ajudar a esta ou àquela e a família dava-lhe. Tinha uma irmã que não tinha filhos e ajudou-nos a criar.

Ai coitadinha! A minha mãe foi assim. Era boa mulher. Não há melhor hoje. É a realidade. Tanto ela como as irmãs. Não há famílias hoje tão amigas como elas eram. Coziam a broa juntas, tinham o gado numa fazenda, uma mudava-as para a outra fazenda, a outra também as mudava, porque ia com ela, para o mesmo sítio. Era assim, eram muito amigas, não era como agora. Têm ciúmes uns dos outros...

Educação "*Fiz muita carta*"

Fui à escola. Fiz a terceira classe porque a minha mãe não nos podia levar a exame. Coitadinha não podia, mas deu-nos a terceira classe. Naquele tempo já era bem bom. Depois com o tempo, fiz muita carta para pessoas. Fui-me dedicando e pratiquei. Até escrevo com poucos erros.

Antes de estar o edifício da Junta, era a escola dos rapazes. A das raparigas era ao pé da igreja. Hoje é uma casa de habitação mas era a escola das raparigas. Havia uma professora e um professor. Naquele tempo, às vezes juntavam-se. Quando havia uma coisa qualquer, as raparigas vinham à escola dos rapazes, estudar alguma coisa que fosse preciso estudá-la junta.

Para escrever era numas carteiras compridas. Havia de duas maneiras: umas alinhas e outras eram baixinhas, compridas. Havia uns tinteirinhos de louça, lá colocados na carteira e a gente escrevia ali. Íamos ao quadro, naquele tempo, era assim.

"Uma professora exemplar"

A minha professora foi uma professora exemplar. Era a esposa do que nessa altura dava aos rapazes. Era o João Ferreira da Costa e ela era Alice Ferreira da Costa. A dona Alice não era vaidosa. Sabia que eu que era pobre, até me dava coisas e estava-me sempre a acarinhar. Até tenho uma história.

O reencontro

Fui a Lisboa, uma vez, e ela ainda lá estava, ainda não tinha morrido. E eu disse:

- Gostava de ver a minha professora.

Uma rapariga, que também já morreu, a Laura, foi comigo. Ela também foi professora dela. Conhecia, mais ou menos, o sítio onde ela estava. Fôramos e fôramos lá dar com uma senhora que lá estava. Perguntáramos e ela disse:

- "É aí nessa porta."

E ela veio. Também já estava aposentada e a gente disse:

- Olhe, somos umas alunas que fôramos da senhora.

E ela foi assim:

- "Minhas alunas só na Benfeita."

Então, ela gostou muito de nos ver e a gente a ela. Depois daí nunca mais a vi. Já morreu, com certeza.

Infância "*Brincávamos e pulávamos*"

Saía da escola ainda ia buscar um molhinho de lenha. Não é como agora. Agora ninguém faz nada, é pena. Depois vão para as malandricas. Nós também dançávamos, nos largos. Não era assim com música. Era jogos de roda. A gente fazia aquelas rodas e cantava-se uma cantiga qualquer. Brincávamos e pulávamos. Andávamos ao burrinho, a estes jogos antigos, pronto.

"Jogar à panelinha"

A panelinha, isso era ao domingo. Não era na escola. Quando era na Quaresma, naquele tempo não se dançava. Depois, as raparigas queriam-se divertir e pegavam num cântaro ou numa panela. Faziam um cordão de raparigas e atirava-se para trás. E elas amparavam-na. Daquela ia para outra e da outra ia para outra. Até que, quando chegava a vez de ela partir, partia e acabou.

Namoro *O embrulho*

Conheci o meu marido nas danças, mas nunca foi o meu par do rancho. Ele andava com uma irmã e eu era com o ensaiador do rancho. O José Carlos das Neves é que era o meu par. Eu tinha um irmão. Ele, o meu marido, ia lá para casa, como fosse amigo dele. Lá combinaram. Sabiam bem ao que ele andava. Já há tantos anos que já nem sei como foi, mas não era como agora. Nas danças, a gente dançava e começáramos a namorar. Ele se calhar nem nunca me pediu em namoro. Ele na altura gostava mais de mim que eu gostava dele. É a realidade. Ele era louco por mim. E eu andei, andei até que fui também no embrulho.

Casamento "*Grande boda*"

Casada aos 23 anos, a 2 de Junho. Estava para fazer as bodas de ouro e o meu marido morreu quatro meses diante. Ele já morreu há 13 anos ou 14. Era da Benfeita.

Fizemos uma grande boda. Eram melhores que as de agora. Não faltava nada. Podia faltar para o outro dia. Naquele dia não faltava. O casamento foi na igreja matriz e a boda foi em minha casa. Tenho um salão grande que até hoje

é o meu quarto. Estava repleto de gente. Naquela altura não havia assim tantas variedades. Há as carnes assadas, arroz-doce, a tigelada. Também já se fazia leite creme e essas coisas caseiras.



Dorinda Martins com o marido António Simões (Benfeitá)

Lazer O Rancho do Manjerico

Eu casei-me do rancho, mas depois não sei o tempo que ele durou. Pois atrás daquele fez-se um rancho infantil. Ainda chegou a ser um rancho como se devia. Depois um casou para aqui, outro foi para ali, outro morreu, o ensaiador morreu e acabou por acabar tudo.

Andei sempre. O meu marido também não me proibia. Não se importava. Mas depois tive o meu filho e já mudou de figura. Era a dançar valsas e marchas e vira e fado. Aquele fado em volta, cantava esta, cantava a outra, cantava... Como agora não se faz. Sei tantas cantigas.

"É tão linda a minha terra,"

"Trago-a no coração."

"Tem no meio a capela,"

"Da Senhora da Assunção."

"É tão linda a minha terra,"

"Trago-a no coração."

Quando o rancho se fundou tinha alguns 15 ou 16 pares, mas depois foi ficando mais fraco. Mas era um bom rancho. Tinha nome. Chegámos a ir a Coimbra, foram a Lisboa, também. Dançaram lá e fizeram boa figura. Eu já era casada nessa altura. Fui acompanhar o rancho que ia cantar, mas ainda tive que ir dançar, substituir um par. Era uma moda muito puxada, ela era fraquinha e eu

fui substituí-la. Era aquela Dorinda de alma e coração para estas coisas. E para trabalhar também, na enxada também.

Ainda tenho uma farda do Manjerico. Era uma blusinha branca, com o folhinho. Assim como as blusas antigas, e tinham um bordado. Uma saia preta com um vasinho bordado com um manjerico, e as saias rodadas com a barra verde. É uma recordação.

Quem nos valeu muito no nosso rancho foi a música do Barril. Vinham à Benfeita aos ensaios e vingáramos muito à custa deles. Foi sim, porque a música encobria. Nem que o canto fosse fraco, encobria. Tocavam muito bem. O mestre da música gostava muito de mim porque eu convivía com ele, a respeito da música. Nunca fui de fazer canções. Nunca tive esse dom, de as cantar sim.

A gente ensaiava e depois tinha um papelito. Levava aquele papel para se orientar. Eles já iam sabidos, mas se houvesse um pequeno gato a gente ia ver. Eu sei uma canção que já a tenho cantado em várias partes, assim, no nosso particular, e gostam.

"Benfeita, terra querida,"

"Cercada de pinheirais e pálidos olivais,"

"Sobre montes verdejantes,"

"Benfeita, terra querida,"

"Tens doutores e estudantes,"

"Ai Benfeita, mas que linda terra és,"

"Deixa-me beijar-te os pés,"

"Benfeita meu ideal,"

"Digo, que em todo o Portugal,"

"Não há terra mais formosa,"

"Nem um povo tão leal."

"À noitinha, junto às fontes, segredam os namorados,"

"E os rouxinóis nos silvados, soltam suas melodias."

"De manhã ao romper da aurora, saúdam-te as cotovias."

"Benfeita, terra ditosa,"

"Cercada de violetas."

"Tens canções e tens poetas,"

"Serenatas ao luar."

"Se os teus filhos, bem te cantam, também te quero cantar,"

"Ai Benfeita, mas que linda terra és,"

"Deixa-me beijar-te os pés,"

"Benfeita meu ideal,"

"Digo, que em todo o Portugal,"

"Não há terra mais formosa,"

"Nem um povo tão leal."

Sei também o hino do antigo Rancho do Manjerico. O fundador foi o António Bernardo Quaresma, "Quinta-Feira". O nome dele era António Bernardo mas toda a gente o chamava "Quinta-Feira". E "Quinta-Feira" é mais conhecido. Não sei se foi ele que fez a cantiga, se foi o genro. O genro vendia cautelas. Esta canção não se ouve em lado nenhum. Eu nunca a ouvi. Ele é que trouxe para cá o Manjerico e um genro dele, que era também um ensaiador do rancho. Ele tocava guitarra e também ajudava, mas o genro é que era o autor.

"Ai que lindo que é o Manjerico,"

"No canteiro da tua janela."

"Ai que lindo que é o Manjerico,"

"No canteiro da tua janela."

"Tem cuidado, ó minha menina,"

"Ai dá-lhe o sol e debes ter muita cautela."

"Tem cuidado, ó minha menina,"

"Ai dá-lhe o sol e debes ter muita cautela."

"É tão linda a minha terra, trago-a no coração."

"É tão linda a minha terra, trago-a no coração."

"Tem no meio a capela, da Senhora da Assunção."

"Ai que linda que é a Benfeita,"

"Num cantinho à beira da serra"

"É a rainha das terras da Beira,"

"Pelos braços e as belezas que ela encerra."

"É a rainha das terras da Beira,"

"Pelos braços e as belezas que ela encerra."

"Tens poetas de valor,"

"Que à nação dão lições."

"Tens poetas de valor,"

"Que à nação dão lições."

"Doutor Marcelo Matias e o poeta Simões."

"Ai que linda que é a Benfeita,"

"Encantadora pela simpatia."

"Foste o berço do grande poeta e professor doutor José Simões Dias."

Depois de casar ainda andei dois anos a dançar o "Ai ó Linda". Eu tinha muita pena de deixar aquela vida da mocidade. Andei a fazer greve.



Dorinda Anjos Martins, com o Rancho Infantil-Juvenil do Manjerico (Benfeita)

Descendência "*Dois anos de greve*"

Tenho um filho. Chama-se Arlindo Martins Simões. Naquele tempo não havia hospitais para as mulheres paridas. Tive o meu filho em casa com uma senhora que não era especializada, pronto, ajeitava-se. Muito jeitosa que ela era.

O meu filho fez a escola na Benfeita. A gente não tinha assim muitos abonos e não tinha para onde o mandar. Não se dava na cidade. Agora já se estuda em Côja, já se estuda em Arganil, mas naquele tempo não. Eu não tinha para onde o mandar, coitado, fez a quarta classe. Depois aprendeu de carpinteiro. Havia electricistas, ele também podia ter ido e aprendeu, porque na altura tinha aí um sobrinho do meu marido que era electricista. Ele sabe pôr a mão nessas coisas da electricidade. Mas eu gostava mais que ele fosse para carpinteiro. Naquele tempo era o que aqui se fazia e sem andar a cavar na terra. Faziam-se muitas casas. Agora vêm, mais ou menos, as coisas feitas das fábricas, mas naquele tempo não. Era feito tudo aqui. Eu gostava que ele aprendesse e aprendeu. Graças a Deus. Depois foi para a tropa e da tropa, ainda foi para Lisboa. Arranjaram-lhe lá um emprego. Foi para a Casa dos Diamantes e daí se reformou. Casou-se com uma rapariga que pertence à terra e fez um bom casamento. Está bem, graças a Deus. Nem só quem estuda tem valor. Agora está reformado. Ele sabe fazer tudo. Vem

à Benfeita a miúdo. Temos por aí alguma coisa, uns bocados, umas oliveiras e umas cerpideiras, ele vem cuidar de tudo.

Tenho um neto e uma neta. E já tenho duas bisnetas do neto.



Dorinda Anjos Martins e o marido no casamento do filho Arlindo Martins Simões

Percurso profissional "*Muito possante, muito trabalhadora*"

Comecei a trabalhar quando saí da escola. Com 10 anos fui logo para o dia fora, a ganhar 3 e 500, naquele tempo. Depois fomos para 4 escudos. E nunca me faltou trabalho porque eu era muito possante, muito trabalhadora. Ainda hoje tenho pena de não poder trabalhar. Trabalhava na terra e a carregar lenha, carregar cavacas de madeira. Por isso é que eu estou doente da coluna. Muito trabalhei, muito trabalhei. E a apanhar azeitona com uma escada. Já cá não estão os meus patrões que eles defendiam-me nesse sentido até ao máximo grau. O que foi autor do Rancho do Manjerico, era meu patrão. Ia lá ao serviço e havia homens que não queriam ir acima da escada. Ele armava a escada e dizia assim:

- "Ó cachopa, anda cá. Vai lá cima fazer aquele poiso."

E eu lá ia. Fazia tudo. Ainda hoje tenho pena de não poder fazer. Ia pia fora¹ ao dia a quem me falava. Sempre assim. Ajudava a minha mãe quando havia trabalho. Havia épocas que não havia tanto. Mas quando havia aproveitava. Semear as batatas, sempre se semeou milho, acartar a lenha. Assim tudo o que é de uma casa. A gente precisava.

Quotidiano "*Para me distrair*"

A minha vida hoje é uma pena que não posso trabalhar. Ainda estou a fazer uma biscalhito os dias que não vou ao Centro. Vou só lá três dias por semana e o resto ainda faço em casa. Ainda tenho feito as minhas limpezitas conforme eu posso. E é assim. Não faço nada que preste. Tenho duas galinhas a 200 metros de casa e o caminho não é lá muito bom, mas tenho pena. É para me distrair. Uma pessoa como eu era para trabalhar e hoje não posso fazer nada. Emperrei das pernas e estou doente também do estômago.

Costumes *Festividades*



Festa das Três Marias na Benfeita (Dorinda, 1ª esq.)

A Senhora das Necessidades e o Santíssimo Sacramento

Agora já há poucas festas. Cada um faz na sua terra. Temos a Senhora das Necessidades que é da freguesia inteira. Costumam fazer lá uma festa bonita. É

¹por aí fora

feita pelos magalás daquele ano, que vão assentar praça. Orientam assim. Houve uma pessoa que se lembrou de fazer assim. É raro aquele que falta. Todos os anos, os que estão para sair de tropas lá fazem a festa. A Senhora das Necessidades é em Setembro.

A Nossa Senhora da Assunção é a padroeira da Benfeitã e temos a igreja com o Santíssimo Sacramento. Também se faz a festa do Santíssimo Sacramento em Junho.

"Ao gosto do freguês"

O Natal na Benfeitã era aos cepos. Ainda existe. É uma fogueira. Vão aos cepos, buscar essas raízes que estão por aí, dos castanheiros abandonados nos pinhais. Levam uma camioneta e enchem-na. Ainda este ano fizeram. Mas foi na Passagem do Ano. Depois é com as famílias e festejam assim em casa. Fazem as filhós e há quem faça tigelada. É ao gosto do freguês. Fazem o que lhe apetece.

A visita pascal

A Páscoa é festejada em casa. São uns rapazes quaisquer que vão dar as Boas Festas. Uns leigos. Um leva a Cruz, outro leva a caldeirinha, outros andam a pedir para os santos, é assim. Antigamente era assim, o que é era o padre. O padre é que ia. Mas agora ele também tem muitas freguesias e também está doente. Desvia-se, que é uma caminhada muito grande.

Agora já não ligam aos dias santos. Os sinos nem as "Aleluias" já tocam. Antigamente quando eram dez horas do dia é que se tocavam as "Aleluias". Era uma alegria, agora já não.

"Para que é que dizem que está mau?"

A agricultura hoje em dia é meia dúzia de casas que aí há. Umás já não podem, outras também não querem. Diz que compram mais barato. O pessoal, os ordenados estão muito caros. E eu acho bem, porque quem vai daqui para fora também é para o ganhar. Há muita gente que já nem semeia. É pena, eu ainda gostava de semear. Antigamente comiam todo o ano da fazenda, pode-se dizer. Era as batatas, o feijão, as cebolas. E agora não. Quando era pela festa ou matavam do curral ou compravam um bocado de carne de cabrito, e matavam-se porcos. Havia casas que matavam dois porcos. Faziam enchido, tinham fartura dessas coisas. Agora ninguém quer criar porcos. Há ali um talho vão lá buscar.

E para que é que dizem que está mau? Antigamente era preciso a gente cultivar e tratar o porco, tratar o gado para ter um cabrito. E agora não. Vão ali ao talho, compram e andou. E chega para tudo.

As castanhas eram cozidas. Secavam, depois eram pisadas dentro de um cesto próprio, tinha assim aquelas fendas e saía as cascas por ali e as castanhas ficavam lá dentro. Aquelas castanhas eram as piladas. Depois aquilo era bom para comer. Outros faziam caldo de castanhas. E outras coziavam-nas de verde ou assadas no assador. Aproveitavam tudo e assim viviam. Sem andar a comprar sempre nas mercearias.

"Comer para todo o ano"

O dia da matança do porco era um dia festivo. Convidavam a família, fazíamos uma jantarada. Coziam o bucho. Ao outro dia, dos ossos, coziam aquelas ossadas do espinhaço e depois daquela calda faziam chouriças, chamamos nós o polme. Depois, convidavam a família mais próxima para comer, "espeliçar"² aqueles ossos. O osso de espinhaço e outros ossos que tem o porco, cozem aquilo tudo, ou numa caldeira ou numa panela grande. Aquilo leva muita carne e "espeliçam"³. Naquela calda põem-lhe farinha, temperam e fazem o que nós chamamos o polme, as farinheiras.

Havia umas poucas de festas no porco. Era a do bucho, era a dos ossos, era assim. Os presuntos e as pás eram para salgar. Punham numa salgadeira, bem salgadinho, para todo o ano. Quando precisavam iam ali. E do lombo e assim. Fazia-se num tacho ou numa coisa grande, como os torresmos. Depois enfiávamos numa panela, cobriam-nos com azeite. Quando queriam um bocadinho iam buscar à panela. Não havia como agora.

As chouriças a mesma coisa. Faziam as chouriças. Faziam umas de carne, outras de sangue. As chouriças de carne é só de carne, não leva sangue. São temperadas com sal e vinho. As de sangue são as morcelas. Levam sangue e os temperos, cebola, alho e essas coisas. Depois punham cada uma em sua panela, cobriam-nas com azeite. Era o governo para todo o ano. Era assim que se vivia naquele tempo. O porco dava comer para todo o ano. Mas agora não. Agora ninguém faz isso. Há aí dois ou três que fazem isso porque são os do talho. Esses ainda criam um porco para casa.

²desfiar

³desfiam

"Ainda hoje gostava de a cozer"

Para fazer a broa tinha que se moer o grão no moinho. Nós tínhamos um moinho, ainda existe. Depois, ia-se lá moer e trazia-se a farinha. Peneirava-se, tirava-se-lhe as cascas e ficava a farinhinha limpa. Não se comprava trigo como agora para se misturar a broa. Semeávamos o centianinho, o centeio. Também se malhava e também se moía. Depois misturava-se um bocadinho de farinha de centeio, com a de milho. Amassava-se com o sal e um bocadinho de fermento. Fazia-se o fermento na véspera. Ao outro dia estava lêvedo. Depois punha-se na farinha e pronto. Amassava-se tudo e depois levedava. Estando lêvedo, punha-se o lume ao forno. Quando estivesse, mais ou menos, em ordem ia-se meter no forno. Ainda hoje gostava de a cozer, se pudesse.

Naquele tempo havia, chamavam o forno de apoio. Iam lá cozer e pagavam. Davam um bocadinho de massa, de cada uma da sua gamela, para fazer uma broa ou duas, àquela que aquecia o forno. E ela coitada, também vivia daquilo. Uma vendia-as, outras comia-as. Era assim.

Doces bons

O arroz-doce toda a gente sabe fazer, mas às vezes não fazem é tão bom. Para ficar bom é abri-lo só um bocadinho em água e depois ir-lhe acrescentando leite. Daí a ele estar apurado é o açúcar a gosto.

A tigelada também. É bater os ovos. Aí uma dúzia de ovos para meio quilo de açúcar, mais ou menos. Cada dez ovos, 1 litro de leite. Feita em leite é o melhor. E uma casca de limão, se quiserem. Depois é cozida no forno. Pode ser num fogão. Antigamente faziam muita, não podiam estar a fazer só num fogão. Era um forno cheio de tachos. Daqueles tachos vidrados de barro amarelo. São vidrados por dentro.

A Torre da Paz

A Torre foi feita ao Salazar. Toda a gente sabe que é a Torre de Salazar. Tem um cântico, tem letras. Havia gente que não queria que cantassem, que nomeassem o Salazar, mas tinha que se cantar o Salazar, pois ela foi feita a ele. Mas agora não se importam. Eu sei o cântico da Torre da Paz:

*"O 7 de Maio, não esquecerá."
"O sino escutai-o, e ele vos lembrará."
"Que foi nesse dia, que por toda terra, uma voz corria: "
"Acabou a guerra, chorai de alegria"
"Ó gente boa e amiga vem à Benfeita e verás."
"Junto à capelinha antiga, tocar o Sino da Paz."
"Naquela torre altaneira, dedicada a Salazar,"
"Um raminho de oliveira e uma pombinha a voar."*

Água fonte de alegria

A Fonte das Moscas é um passal para o Verão. É bonito. Porque, mesmo que não haja festa na Benfeita, estão ali muito frescos e têm água. Estão ali a passar um bocado.

Antigamente havia, para cá da casa do doutor Mário, a sair da quinta dele para a ribeira, um tubo de cerâmica a cair água. Fizeram um poço na ribeira para enfiar o cântaro e aí ia-se aparar a água. Há também, chamam lá a Fonte do Fundo. Atravessa-se a ponte, ia-se por um caminhito que ainda lá está ao longo da ribeira. Ainda se fala hoje na Fonte do Fundo:

*"Adeus ó Fonte do Fundo. "
"Adeus margem da ribeira."
"Adeus igreja matriz."
"Adeus ó Ponte Fundeira."*

Lavadouros era sempre na ribeira. Havia umas pedras, chegaram a arranjar umas pedras de cantaria, uns lavadoirozinhos feitosos. Outras pessoas levavam-nas para as fazendas. Lavavam nas poças, enxugavam-na lá, coravam-na lá. Eu fui uma delas que ainda levei para as fazendas alguma. Lavava-se muito bem lavadinha e depois punha-se a corar na relva. De um dia para o outro ou mesmo que só fosse um bocado ao sol, para ficar branquinha. Depois enxugava-se lá ao sol nas videiras, era assim.

"Divertimentos, danças e tudo"

A piscina foi um bom melhoramento para esta zona, principalmente para a Benfeita. Eu já tenho dito, nunca passei um Verão tão diferente dos outros todos, como foi este ano na Benfeita. Tinham todos os dias gente nova, a tomar banho, e

tudo assim. Fizeram depois a esplanada. Achei tudo muito bonito. Havia muitos divertimentos, danças e tudo, mas neste sentido não houve nunca um ano para mim como foi este ano na Benfeita. Teve muita gente a visitar. Foi realmente um Agosto bem passado.

Antigamente em Agosto também vinha muita gente mas era mais os convidados. Naquele tempo, as famílias e assim, convidavam e vinham estar com a família. Almoçavam, jantavam e dançavam toda a noite, com a música. Antigamente era só a banda. Depois mais tarde é que começaram a vir os conjuntos. Cada coisa no seu valor. Há pessoas que dão o valor mais ao moderno, como foi este ano.

Serviços e comércio

O Moinho do Figueiral era um moinho que moía e agora ficou para relíquia. Havia alambiques, lá também ainda há um. Era para emprestar ao povo. Aquilo era particular, mas pediam. Ao pé da igreja está outro. Havia pessoas que exploravam, outras não, deixavam fazer.

Havia muito comércio. Comércio mesmo de mercearia, sei lá quantas eram. Mercearias, drogarias à moda daquele tempo, onde se vende muita coisa, tinha tudo. Tinha assim ferragens, muitas coisitas. Barbearias, moleiros, canastreiros, lagares, moendas. Tinha uma roda muito grande, a água tocava a roda e as moendas moíam lá dentro. Agora já está transformada numa casa de habitação. Não faltava aí nada. Faziam cortiços, para as abelhas. Havia tudo e agora não há nada, nem mercearias. Não se faz nada. Há uma mercearia e o café, é o que há.

"Toda a gente tem luxo"

A Benfeita mudou no luxo. Toda a gente tem luxo. No meu tempo não era assim. Não tinham as casas recheadas de tudo quanto é bom, como têm agora. E dizem que está mau. Não, no meu tempo não era assim. Elas entendem que se podem governar assim. A gente no nosso tempo era uma tigela para comer, não é bem assim mas pouco mais, e um lençol para dormir. Pouco havia em casa.

Antigamente não se tinha tanto como agora. Eu agora carregava um burro, de coisas que tenho em casa. Naquele tempo não. Tinha-se o indispensável. Tínhamos uma roupa para o domingo, outra para a semana. Tinha uma madrinha que era costureira, uma costureira como as modistas de agora, e fazia-me a roupa de graça. Era minha madrinha, fazia-me sempre os fatitos de graça. Davam-me quase tudo. Tinha muita família. Uma trazia uma blusa, outra trazia uma saia. Mandava-a fazer e pronto, ficava vestida. Nunca tive problema de vestir. Tinha

umas primas que eram mais ou menos da minha idade e a minha avó era avó delas e, às vezes, até me dizia assim:

- "Olha, dão-te muita coisa, dá alguma coisinha às tuas primas."

Pois eu, graças a Deus, nunca me faltou que vestir. Ainda hoje, são coisas aos montes. Não era o luxo. Para as mulheres não havia calças. Quando começaram a vir os collanzitos já era uma grande coisa. Depois, o tempo foi evoluindo, evoluindo, há para tudo e mais alguma coisa. Os rapazes tinham o fatinho deles para as festas e à semana era uma camisola, por exemplo, e umas calças. E davam uns aos outros também. Quando aquele tinha muito, que já não usava, dividia. E tamancos. Tamancos abertos como as chinelas que agora usam. Só era madeira por baixo e coiro por cima. E ao domingo lá tinham umas botitas para ir à missa, aqueles que lá iam.

Quem vem por bem, é bem-vindo

Turistas e estrangeiros há muitos para aí pela serra. Se vêm com boas intenções, são bem-vindos. Não há nada a dizer. Eles tratam bem as pessoas. Convivem, são simpáticos até.

Os que saíram da Benfeita estão em Lisboa. Parte deles. Já não estão a fazer nada, mas com a vaidade de estar em Lisboa não vêm para a Benfeita. Gostava que elas viessem para ajudar a engrandecer isto, que eu sou bairrista, 100%. Gosto muito da minha terra.

Eu podia estar em Lisboa mais um tempo, mas eu gosto mais de estar na Benfeita. Só vou para Lisboa no último caso de estar doente, que não possa estar sozinha.

Pessoas *José Augusto Martins*

Havia médico de vez em quando. Iam a Côja e tínhamos na Benfeita um homem que era entendido. Já tinha tanta prática que era como um médico. Era meu padrinho. José Augusto Martins. Esteve na tropa e lá esteve nalgum sítio onde praticou. Não digo doenças graves, mas se não se entendesse mandava-as logo. E era uma simpatia de homem que toda a gente gostava dele. Corria aí a serra toda a cavalo numa burra. Não havia carros. Era animais a cavalo e carros de bois. Era o que havia.